

INSTRUMENTOS AUXILIARES DE MODELAÇÃO

Subsídios para o estudo da olaria portuguesa

Por

MARGARIDA RIBEIRO

Os cinco instrumentos de que nos ocupamos foram recolhidos em Março de 1964 e fazem parte de uma técnica de modelação manual, na roda, ainda viva nas Caldas da Rainha.

Três desses instrumentos, genèricamente designados por «cascos», são de barro, o quarto é de cana silvestre e o quinto é de ferro, sendo conhecido por «medida», «ferrinho» ou «limpador».

Parece-nos que a função específica dos primeiros fez com que a sua nomenclatura persistisse e se apresente como forma constante na terminologia tecnológica das Caldas, enquanto o quinto instrumento toma a designação apropriada à função que realiza.

Enquanto os instrumentos de barro e a cana apresentam sempre a mesma forma e dimensões, o ferrinho ⁽¹⁾ varia muito, pois trata-se de um objecto adaptado pelo próprio oleiro.

É necessário explicar que, embora a modelação na roda obedeça a princípios gerais e comuns, os acabamentos dependem do oleiro, da adaptação deste ao ofício, da forma prática como os resolve e opera, da sua própria capacidade e desenvoltura.

Assim, o instrumento de ferro recebe a designação de «medida» se, efectivamente, serve de matriz para a altura ou largura de um vaso, toma o nome de «limpador» quando se utiliza para desfazer arestas e

(1) Adoptámos esta forma por comodidade de referência.

aperfeiçoar contornos, e tem a designação de «ferrinho» se é pluri-funcional e se aplica em várias operações, substituindo, por vezes, a cana.

A explicação que demos, baseados em conhecimentos práticos que adquirimos durante o período de investigação, revela, também, que o trabalho de cada oficina, ou antes, o cunho pessoal de cada oleiro está patente na forma de realizar os acabamentos, tornando uma peça, aparentemente igual a outra, perfeitamente distinta pelas diferenças que apresenta e que caracterizam a obra pessoal do oleiro, até dentro da mesma oficina.

Os fundos, os colos, o arcado e as superfícies de aderência das asas são os pontos em que a observação deverá incidir para que se notem essas particularidades que individualizam e personificam a modelação do oleiro na rotina de uma execução tradicional em que a forma do objecto, os meios técnicos e os materiais são fundamentalmente os mesmos.

Os cinco mencionados instrumentos estão reproduzidos com os respectivos cortes nos desenhos adjuntos, a uma escala natural ⁽²⁾, para mais facilmente se obterem as dimensões.

Deste conjunto salientamos os instrumentos de barro, de aplicação regional, e que, dada a importância de que se revestem, são o principal tema desta nota. Utilizam-se na modelação de tigelas e de pratos.

A cana e o ferrinho são utensílios vulgaríssimos nas olarias do país. Incluíram-se neste estudo para que se desse uma breve noção do acabamento das peças cuja modelação está ligada ao uso dos referidos instrumentos de barro.

No caso presente, a cana e o ferrinho servem para tomar medidas, modelar o «pé» — base sobre que assenta o corpo da peça — alisar o exterior, demarcar a protuberância periférica do contorno da tigela

⁽²⁾ O autor destes e de outros desenhos de estudos nossos é o Sr. Dario de Sousa, desenhador do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos), a quem, pela exactidão e excelente obra, confiamos sempre os elementos necessários para o seu trabalho.

grande, aperfeiçoar e alisar os bordos dos pratos e das tigelas pequenas.

O «casco» de abrir tigelas grandes tem uma forma convexa de espessura quase constante e apresenta no bordo superior um corte recurvado que atinge a amplitude de 5 cms e a profundidade máxima de 1,8 cms.

Do lado contrário à intercessão do arco com a periferia possui, quase a meio do corpo, uma concavidade circular com o diâmetro de 2 cms que serve para encaixar a falangeta do polegar, quando se abre e modela a peça.

O «casco» convexo utiliza-se, como se compreendeu, apanhando-o com a mão esquerda do lado oposto ao corte. Os quatro dedos ficam no interior e só o polegar se fixa no exterior e centro da «marca» circular, côncava, a fim de regular os movimentos, a amplitude e a profundidade da tigela.

A evolução da modelação e a técnica da aplicação deste interessante instrumento podem apreender-se das fotografias que fizemos numa das olarias das Caldas da Rainha, na data acima indicada.

As tigelas grandes são imperfeitamente modeladas em série, para economia de tempo e maior produtividade (Fig. 1), voltam novamente a colocar-se sobre um pelouro de barro que para o efeito se dispôs na «cabeça» da roda e só então se procede à abertura e ao aperfeiçoamento com o «casco» (Fig. 2).

Destacam-se do pelouro de barro cortando-as pela base, com auxílio de um fio metálico e durante uma ligeira rotação da roda (Fig. 3).

As tigelas grandes têm o diâmetro máximo de 1,7 cms e a altura de 8 cms.

O «casco» das tigelas pequenas apresenta as superfícies planas e tem a forma recurvada idêntica à de uma antiga foicinha. A pouco mais de meio de uma das faces mostra a «marca» circular onde a extremidade do polegar deve fixar-se.

A orla convexa, do lado mais estreito, é apanhada pela mão esquerda, enquanto o lado oposto obriga a subir a pasta e demarca o interior da tigela (Fig. 4).

A tigela pequena tem 10 cms de diâmetro superior e 5 de altura máxima. Está dotada de «pé», mas não possui a protuberância do bordo que a grande apresenta por ser feita de um barro mais fino e resistente e por se destinar a fins domésticos diferentes.

Aquela protuberância do bordo não é, pois, um adorno. É um reforço destinado a proteger a tigela de qualquer choque ou do desgaste provocado pelo uso, em virtude de ser feita de uma pasta mais grosseira e portanto menos compacta e uniforme.

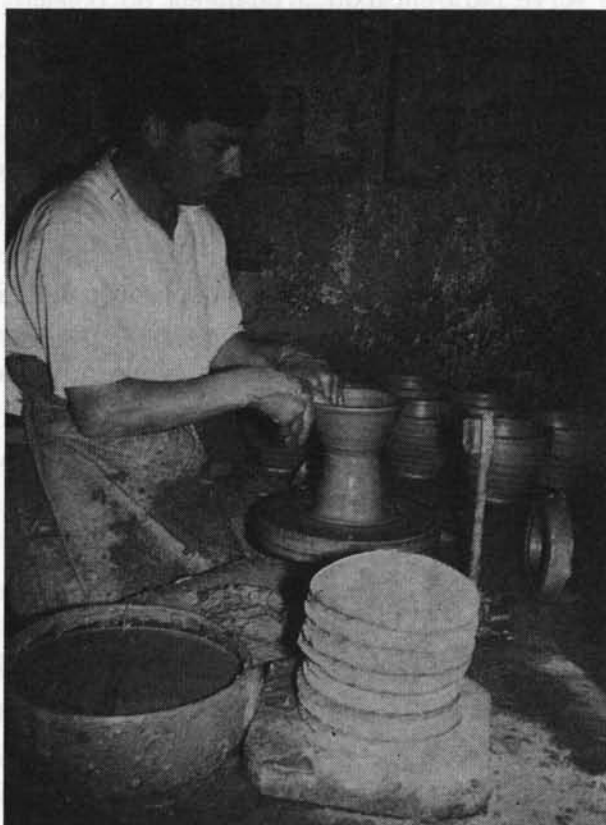


Fig. 1

Modelação de tigelas grandes, em série

Enquanto a tigela grande se destina a preparar e a conter alimentos, a tigela pequena é geralmente aplicada para tomar líquidos — chá, café ou leite.

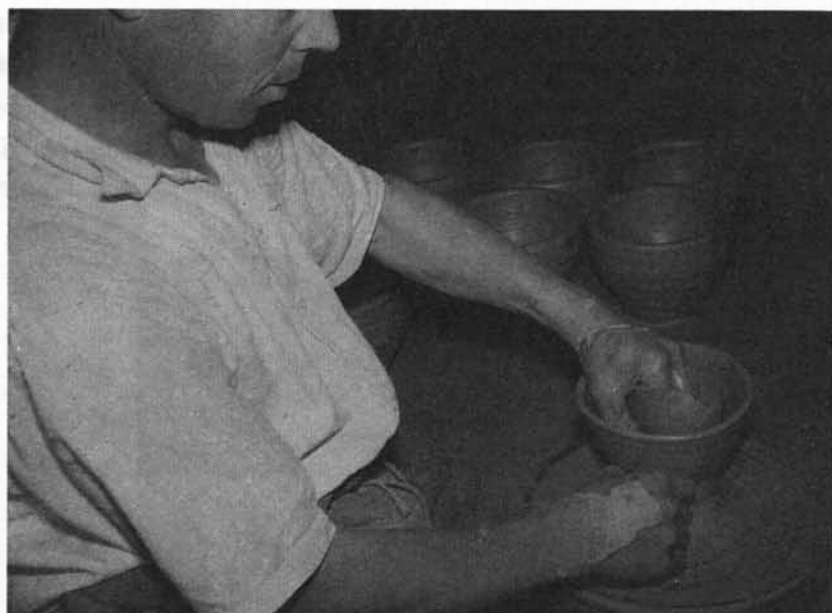


Fig. 2

Técnica de aplicações do «casco» na abertura e aperfeiçoamento de tigelas grandes

Leva uma coberta cerâmica no interior para depois ser vidrada.

O «casco» de abrir pratos de 22 a 23 cms de diâmetro e de profundidade de 4,5 a 5 cms, distingue-se do outro da tigela pequena por ter na base uma curva menos pronunciada e pela marca que é, geralmente, a primeira letra do nome do oleiro.

Depois de se colocar na «cabeça» da roda um dos pelouros previamente preparados em série, como se vêem nas figuras 1 e 3, o «casco» apanha-se com a mão esquerda, pela extremidade que tem a letra e que a palpação com a extremidade digital permite fixar, mantendo-a na posição de cutelo durante a rotação da roda, como se fez na modelação da tigela pequena. A extremidade mais delgada fixa-se no centro, enquanto a base recta nivela e demarca o fundo do prato.

O desenho e corte do prato mostram as suas características e a influência que recebeu da louça mais fina e moderna. Leva, também, uma coberta cerâmica aplicada à mão, como se observa na figura respectiva (Fig. 5).

A cana dispensa qualquer descrição, pois é frequentíssima nas olarias portuguesas, especialmente no litoral do país e nas províncias do Ribatejo, Beira Baixa, Alto e Baixo Alentejo e Algarve.

Basta que salientemos que o seu uso depende da maior plasticidade e pureza do barro.

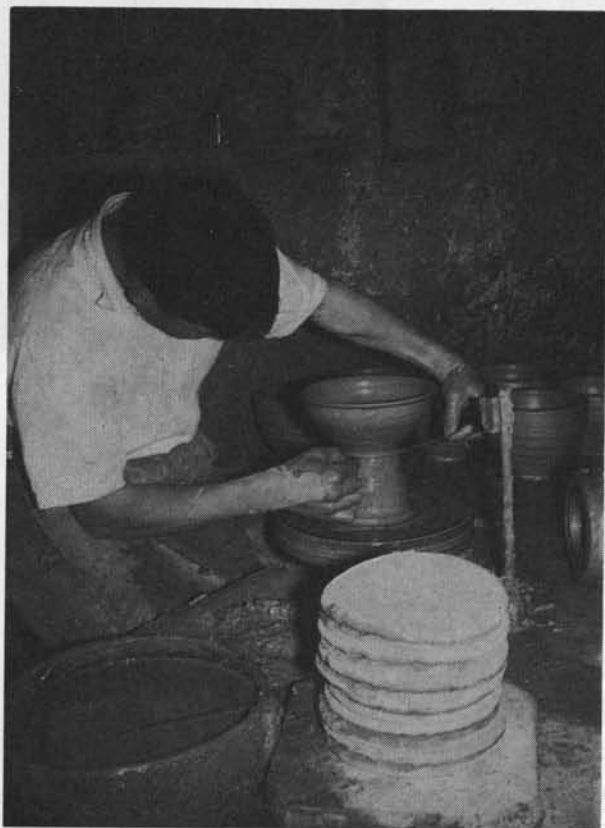


Fig. 3

Corte de tigelas grandes com auxílio de um fio metálico

Na Beira Alta é só empregada nas olarias cujas argilas são plásticas e pouco arenosas.

Merece referência o ferro adaptado a instrumento de modelação e que foi, como se vê, um ferrolho de janela (Fig. 6).

Noutra oportunidade mostraremos outros instrumentos que sofreram, como este ferrolho, uma adaptação a outros fins, por força de recurso e por determinante experimental e capacidade do oleiro.

A margem do escopo desta nota e apenas para não deixar na omissão o esclarecimento de alguns pontos, informamos de que obser-

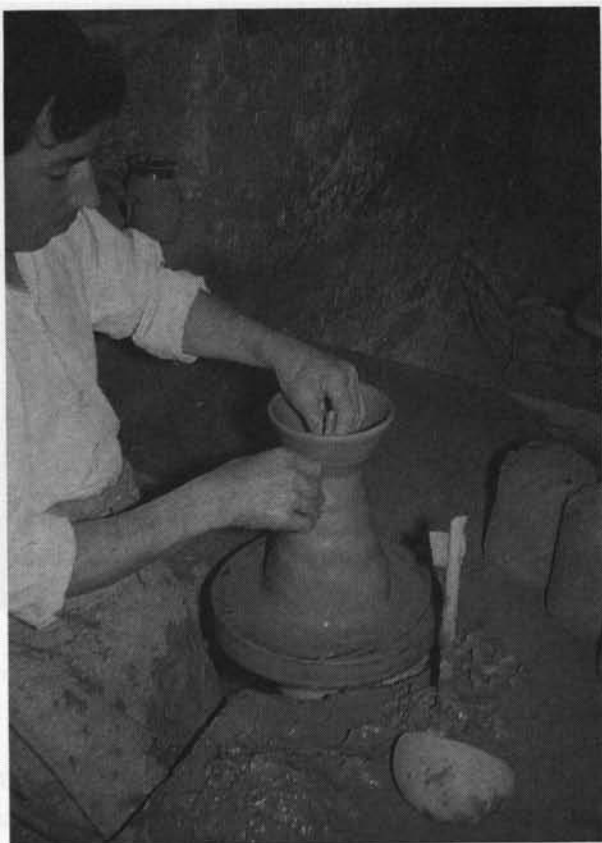


Fig. 4

Técnica de aplicação do «casco» de tijelas pequenas

vámos o emprego de dois de pasta nas olarias das Caldas da Rainha, como, aliás, se referiu no passo oportuno. Verificámos, também, a prática da impermeabilização, a partir de uma coberta de barro branco, muito fino, prèviamente expurgado, dissolvido em água e

passado à peneira, a fim de se introduzir nos interstícios e cobrir a peça com uma camada pouco espessa e uniforme.

Esta coberta obtém-se pelo processo de banho feito à mão, como dissemos, após a secagem das peças e depois de se ter procedido ao aperfeiçoamento dos «pés», o que se faz com a peça invertida sobre

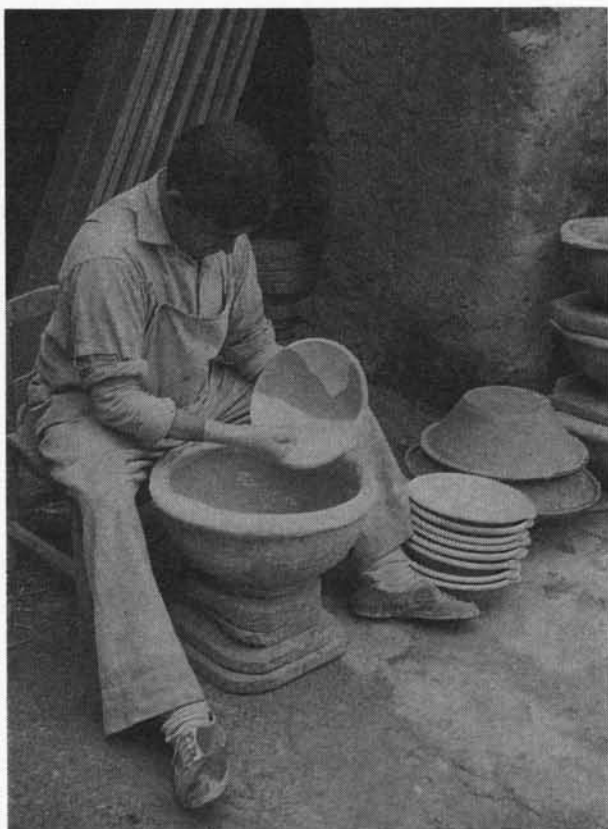


Fig. 5

Aplicação da coberta de barro branco e fino nas peças que são vidradas

a «cabeça» da roda, em movimento, e com auxílio da cana, antes do objecto estar completamente seco e endurecido.

Resta-nos falar do vidro, isto é, dos materiais empregados e da técnica da aplicação de uma coberta metálica e brilhante que eleva a qualidade dos vasos e lhes dá colorido e maior beleza.

Nas 7 olarias existentes na cidade, na data da investigação, observámos que a louça é «chacotada», isto é, mal cozida, antes de receber o banho de vidro, que se aplica sobre a coberta cerâmica. Esta tem por fim dar beleza à peça, fazer aderir uniformemente e economizar o vidrado.



Fig. 6

Note-se, à esquerda do conjunto, o ferrolho adaptado a instrumento de modelação

Verificámos ser esporádico o emprego de chumbo preparado na oficina e ser quase geral o uso de zarcão, mínio ou óxido salino de chumbo, de cor acentuadamente alaranjada, aos quais se adiciona uma percentagem de quartzite moída e, no caso do chumbo preparado na oficina, certa quantidade de areia da beira-mar.

O lote do chumbo é de cerca de 25 %, isto é, para uma arroba de chumbo lançam-se 3 kg de areia fina, passada ao crivo, e 0,75 kg de seixo moído.

Em virtude de o zarcão ser um óxido salino, recebe apenas 5 a 5,5 % de seixo.

O chumbo é preparado num forninho próprio e numa atafona manual de que nos ocuparemos noutro artigo.

O lote do vidro condiz com o que observámos nas olarias do país onde a louça é vidrada, com excepção das regiões onde se emprega um barro muito fino e puro, ou grés. Neste caso, é indispensável juntar à mistura algum sal de cozinha, que opera como fundente.

As variações dos lotes são mínimas e dependem, geralmente, das margas e das argilas.

Os resultados a que chegámos nesta pesquisa deram-nos grande satisfação por termos concluído que essa frequência nada mais era do que uma expressão técnica de ordem tradicional.

Carecíamos, porém, de abonação histórica para autorizar aquela conclusão.

Virgílio Correia, em 1917, no seu artigo sobre as talhas de Borba ⁽³⁾, lamenta a pobreza de informações escritas sobre as olarias portuguesas.

Pela nossa parte, o esforço dispendido não alcançou ainda a compensação desejada. Muito há a fazer nos arquivos distritais e camarários na busca de provas, pois a olaria portuguesa, como outros campos e aspectos da nossa tecnologia popular e tradicional, ainda está na fase heurística.

Por extensão concreta de raciocínio e por inerência lógica do facto, socorremo-nos do contexto de dois documentos respeitantes a Coimbra, um dos centros oleiros mais importantes, desde épocas históricas, e que Adelino António das Neves e Melo publicou, em boa hora, num opúsculo de que Leite de Vasconcellos foi co-autor numa segunda edição ⁽⁴⁾.

O documento da vereação de 11 de Agosto de 1576, do Município de Coimbra, determina, no passo respectivo, que, para se vidrar *com alcanfor* bastará cozer-se a louça uma vez, porém sendo chumbo duas,

⁽³⁾ *As talhas de Borba*, «A Águia», vol. XI, 2.ª série, Porto, Janeiro a Junho de 1917, p. 140.

⁽⁴⁾ *História da Cerâmica de Coimbra*, 2.ª edição, Lisboa, 1924 (?).

porque têm por informação que é o alcanfor metal tão duro que cozendo-se só uma vez fica bem cozido ⁽⁵⁾.

Neves e Melo atribui ao alcanfor a significação de uma variedade de galena.

Nós verificamos que o disposto no passo do supracitado documento se fundamenta num conhecimento experimental, anotado por averiguação dos juízes e vereadores.

Num passo do *Regimento dos oleiros e malagueiros de Coimbra*, datado de 8 de Julho de 1623, discrimina-se exactamente: *Nos ofícios de vidrado se lançará a cada arroba de vidro seis arrates de areia, antes mais que menos* ⁽⁶⁾...

Se, actualmente, há uma constante técnica, cremos que no século XVI a mesma constante se observaria em função da tradição e da lei.

Não há falsa analogia entre os quadros apresentados, nos quais a ideia de espaço e tempo é um valor a considerar.

No campo da Etnografia os dados experimentais orientam e fundamentam deduções.

Dissemos que a prática da preparação do chumbo estava em desaparecimento nas Caldas da Rainha, na data da investigação a que procedemos ali sobre o assunto.

A generalização do emprego do zarcão, produto industrial que teve grande aceitação, pois além de reduzir e simplificar operações dispendiosas, evitou a toxidade a que o oleiro se expunha na preparação do chumbo.

No Alentejo, como pode comprovar-se nas olarias de Portalegre, Flor da Rosa, Redondo e S. Pedro do Corval, o zarcão dissolvido em água é já empregado desde o princípio do século.

A percentagem de seixo moído que se lhe adiciona é, também, de 5 a 5,5%.

⁽⁵⁾ *Ob. cit.*, p. 29.

⁽⁶⁾ *Ob. cit.*, p. 30.

Quanto à morfologia das peças, podemos situar a sua vulgarização em plena Idade do Ferro.

As tigelas e os pratos com «pé» são frequentes, utilizando-se para múltiplos fins.

A cobertura das urnas da Chaminé (Elvas) e o mobiliário do Castro da Azougada (Moura) revelam a existência de exemplares típicos e idênticos aos actuais na forma e na técnica.

Frei Manuel do Cenáculo encontrou tigelas de barro em sepulturas romanas ⁽¹⁾ e A. dos Santos Rocha dá-nos importante depoimento na descrição de uma necrópole de incineração do Algarve, na qual encontrou uma urna de barro, em forma de panela, coberta por um prato com «pé» e uma tigela ⁽⁸⁾.

Também os instrumentos de barro auxiliares da modelação, de que tratámos, são uma sobrevivência de objectos antigos que se empregaram neste trabalho.

Se repararmos atentamente no interior dos vasos do Castro da Azougada, já citados noutro estudo nosso, notaremos vestígios bem visíveis de atrito de um corpo sólido de contextura uniforme.

Os instrumentos de barro agora estudados sucederam, sem dúvida alguma, a outros, embora apresentem características morfológicas evoluídas e sejam de material diverso.

Quanto ao vidrado, é bem conhecida a sua divulgação, na Península, pelos povos do Norte de África que a invadiram e dominaram.

A Arqueologia corrobora a tese, pois os Romanos, estimando os metais e apreciando a *terra sigillata*, cuja técnica e beleza nos deleita, parece não terem manifestado interesse por aquela técnica de enriquecimento cerâmico. Contudo, não a ignoravam.

Do período lusitano-romano ainda não foram revelados, até ao presente, quaisquer indícios da prática do vidrado no nosso território.

Em Évora, porém, foi encontrada numa sepultura uma vasilha de barro vidrado, associada a uma inscrição romana ⁽⁹⁾.

⁽¹⁾ *Sisenando, mártir de Beja. O Arqueólogo Português, vol. I, Lisboa, 1895, p. 339.*

⁽⁸⁾ *O Arqueólogo Português, vol. I, Lisboa, 1895, pp. 330 e 331, Fig. 3.*

⁽⁹⁾ *O Arqueólogo Português, vol. I, Lisboa, 1895, p. 320.*

Próximo de Wansford, no Northamptonshire, foi descoberta uma *fornacula* romana que foi utilizada para preparar o vidro destinado aos vasos de barro que se produziam numa olaria das imediações ⁽¹⁰⁾.

O estudo que fizemos nas Caldas da Rainha foi terminado, para confirmação de pormenores técnicos, dois meses mais tarde, nas olarias de Olímpia de Jesus dos Reis, então com 81 anos de idade, mantendo por sua conta o filho de um «rodista» de Gaeiros (Óbidos), e na olaria de Leonel Figueiredo dos Santos, de 57 anos.

RÉSUMÉ

L'A. fait voir cinq outils auxiliaires du modelage au tour antique en exposant leur technique d'application, surtout de ceux qui sont en terre cuite.

Ceux-ci sont d'application régional et, d'après ce que l'A. éprouve, ils sont la survivance d'outils d'utilisation pareil au modelage des mêmes poteries et qu'on peut placer au plein Âge du Fer du Portugal (Voir, v. g., Castro da Azougada — Moura).

L'étude a été faite chez les usines de Caldas da Rainha, où les outils ont été recueillis aussi.

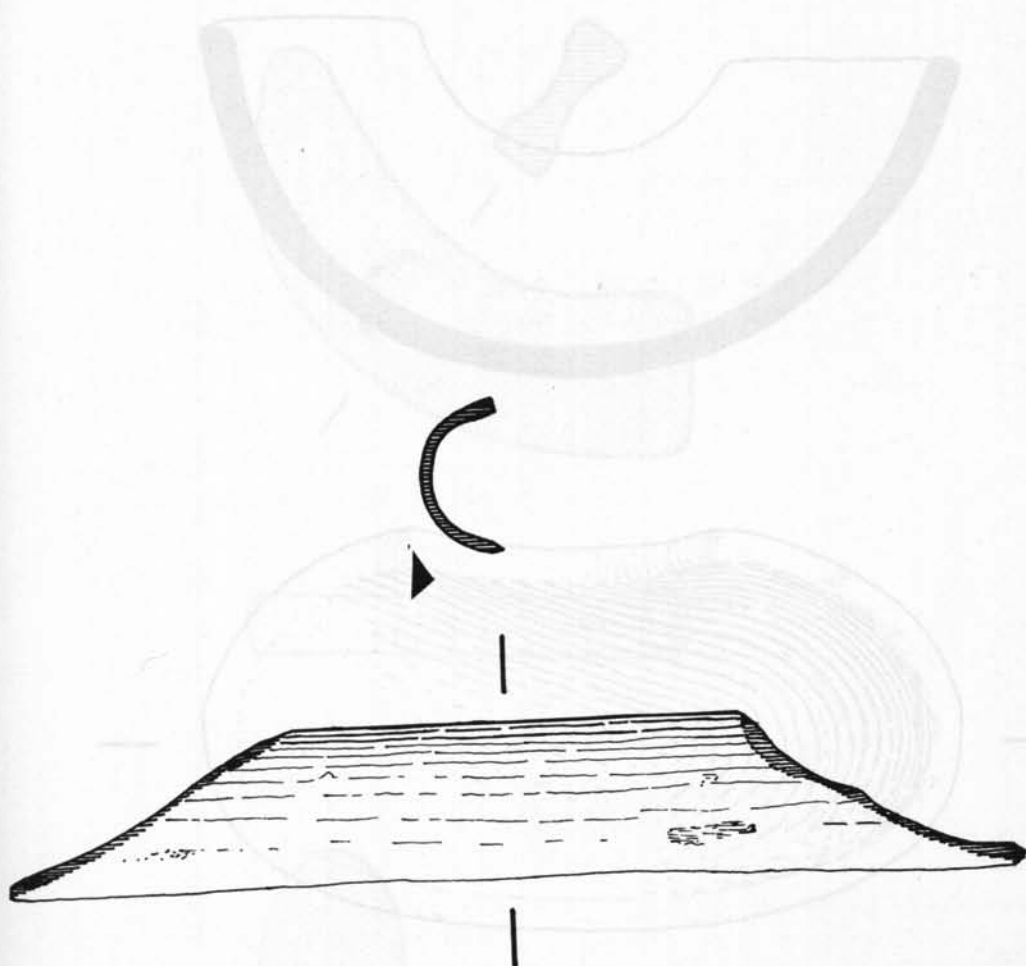
M. R.

⁽¹⁰⁾ Rich, *Dictionnaire des Antiquités Romaines et Grecques*, Paris, 1859, p. 280. Sobre técnicas de impermeabilização principalmente usadas fora da Península, veja-se Lapa Carneiro, *Breves notas sobre técnicas de impermeabilização cerâmica*, «Olaria», n.º 1, Barcelos, 1958-1959, pp. 57-86.



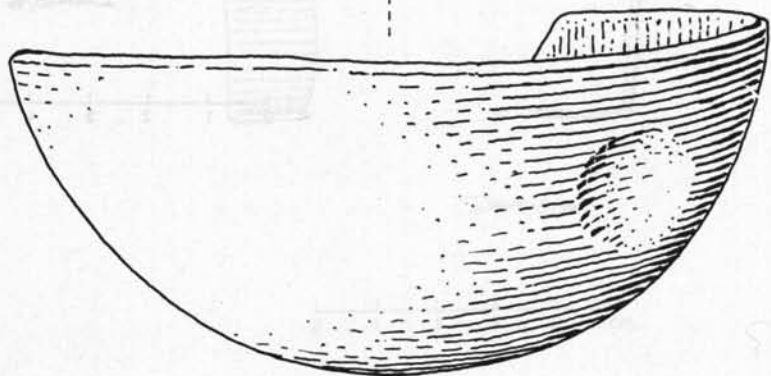
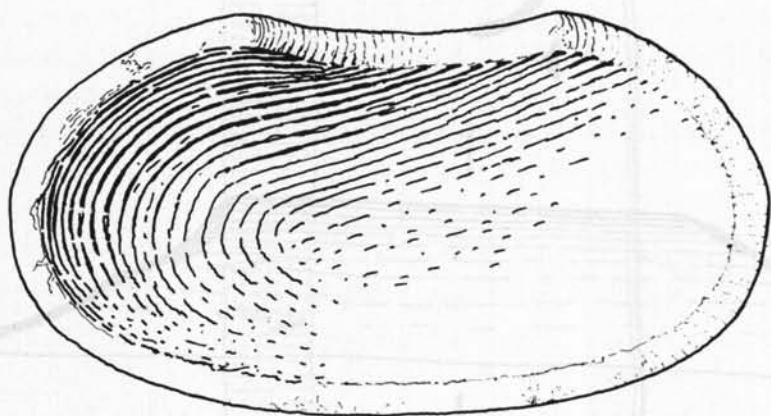
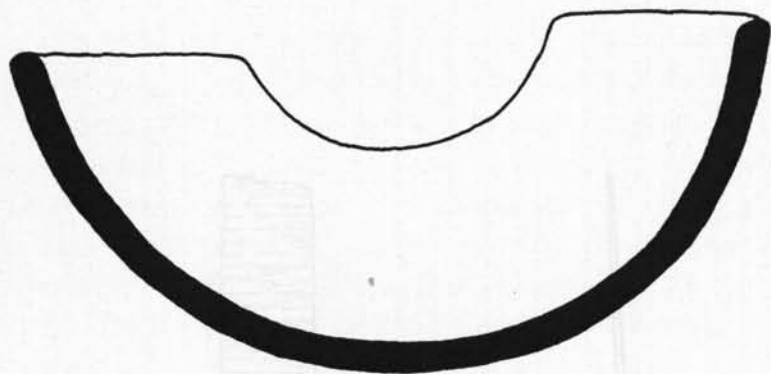
DARIO/70

0 1 2 3 4 cm.



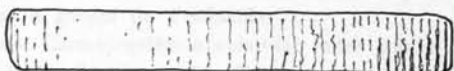
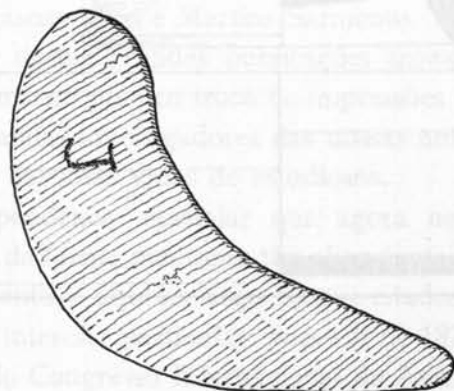
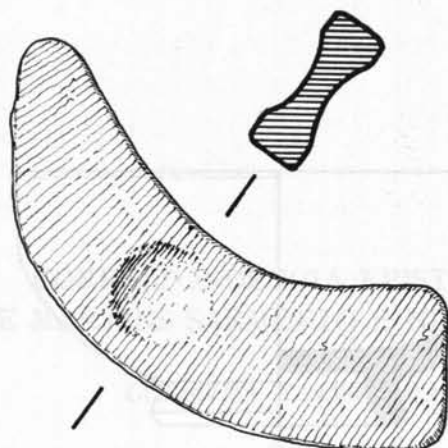
Dario/70

0 1 2 3 4 cm.



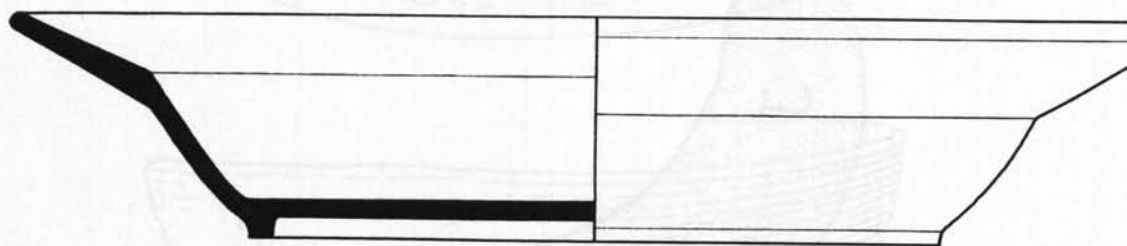
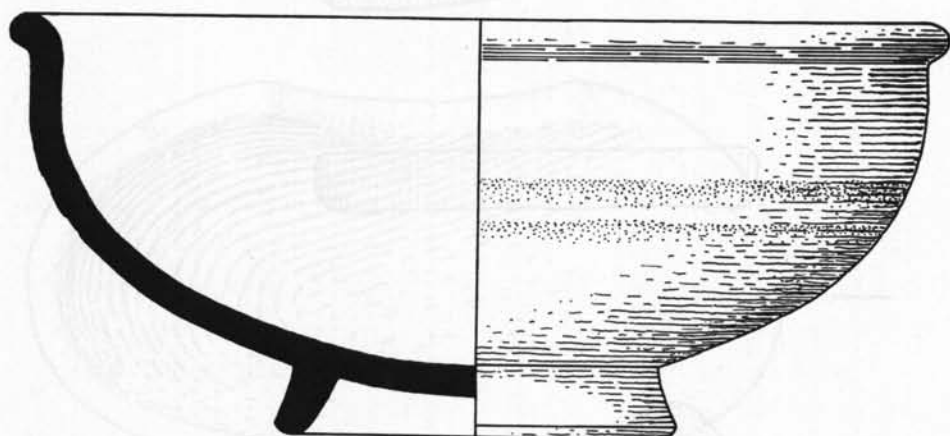
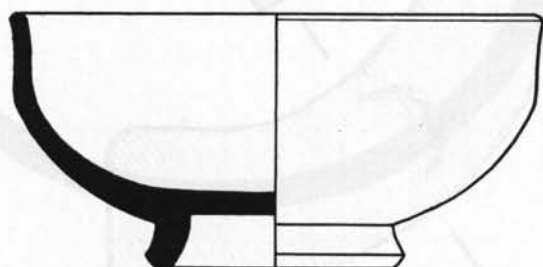
DARIO/70

0 1 2 3 4 cm.



Darich





Dario/70

0 1 2 3 4